

Depoimento de uma filha:

“ Eu não sei fazer metáforas porque não compreendo metáforas. Para mim tudo é literal. Como meus braços bordados pelas cicatrizes de todas as tentativas de me separar do corpo da minha mãe. Pra mim nunca houve um cordão umbilical que pudesse ser cortado. Só a dor de estar confundida com o corpo da mãe, de ser carne da mãe. Este ritual que agora pinga de mim como um fracasso. Mais um, eu corto corto corto e ainda não sei se eu existo. Continuo sem corpo. E ela lá fora, com medo que eu vá embora, fingindo desconhecer que não posso partir. Nunca pude. Porque arrasto comigo o corpo dela, que me engolfa e engole.” (Eliane Brum, 2011 p.15)

Esta relação não é nada simples...nem tão delicada, provoca dor, as vezes padecimento, as vezes devastações. A fantasia que acompanhou a maternidade por muito tempo de lugar paradisíaco não encontra ressonância na clinica cotidiana.

Muitas vezes o prazer e a satisfação ficam de fora, e se executa a maternidade como uma tarefa, outras vezes se toma a maternidade como plena e esta vira tudo, deixando a mãe e o bebê em sofrimento, com conseqüências sérias para este na maioria das vezes.

O bebê, como sabemos, precisa do investimento deste outro, mãe. Função materna podemos dizer, para que seu corpo seja enlaçado à linguagem, acolhido e cuidado.

O amor está no eixo desta relação mãe e filho. “Todos sabem, é claro, que nunca aconteceu, entre dois, que eles formassem apenas um, não é?... mas é daí que vem essa idéia do amor, é realmente a maneira mais grosseira de dar a este termo, que se esquiva, manifestadamente, de seu significado” (Lacan, sem XX, p. 118).

O que seria o amor então? “ o amor é fazer Um, questiona Lacan. É verdade que não se fala de outra coisa há muito tempo, do Um: a fusão, o Eros seriam a tensão em direção ao Um” (idem, p. 16).

O mito de Poros e Penia, (Nomine), o par que teria dado a luz Eros, deus do amor, demonstra que fundamentalmente, para que surja o amor do lado do macho, é preciso que ele não saiba que está se aproximando do objeto que causa seu desejo. Partimos de um desconhecimento.

Poros é filho de Metis, que é mais a invenção que a sabedoria, diante dele temos a personagem feminina que vai ser a mãe do amor, Penia, a saber, pobreza, ou mesmo Miséria. Ela é caracterizada no texto como aporia, a saber, sem recursos. É isso o que ela sabe sobre si mesma: recursos não os tem. Eis, portanto, a Aporia fêmea diante do Poros, o Expediente, o que parece bastante esclarecedor.

O que é muito bonito nesse mito é a maneira pela qual a Aporia engendra Amor com Poros. No momento em que isso se deu, era a Aporia quem velava, quem tinha os olhos bem abertos...a felicidade das festas é que justamente, acontecem coisas ali que invertem a ordem comum. Poros adormece. Adormece porque esta embriagado, e é isso o que permite à Aporia fazer-se emprenhar por ele, e ter este filhote que se chama Amor, cuja data de concepção vai coincidir, portanto, com a data de nascimento de Afrodite, mostrando o amor na sua relação obscura com o belo...afrodite é uma deusa bela. (Lacan, sem 8, p. 125).

Interessante pensar que o Amor não nasce do encontro amoroso, como imaginamos... A verdade do casal parental é que certamente que ele não funciona bem, claudica, a criança ‘fantasia’ para se virar com esta “verdade” de nascer de um encontro do acaso, quase um tropeço.

Na psicanálise temos aquela estorvada pelo falo, no mito a pobre, necessitada, que deseja. Afinal, o que quer uma mulher? O que quer uma mulher é o enigma que se situa no centro do discurso analítico. Não se sabe o que quer uma mulher, por outro lado, sabe-se o que quer uma mãe e, precisamente, o que ela quer, o que deseja uma mãe, é uma criança. Se a mulher entra na copulação significativa, é só enquanto mãe. Esse é o paradoxo da mãe ser a um só tempo mãe e mulher.

Não há uma equivalência entre a mãe e a mulher, a mulher não é a mãe; nenhuma mulher é toda mãe... Ser mulher não é ser mãe. Mesmo que uma mulher se realize como mãe, fica sempre algo de fora.

*“...entre a mãe e o filho, a relação que a mãe tem com a castração, isso conta um bocado!”* (Lacan sem XX, p. 53).

Segundo Freud, não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos essa fase de vinculação pré-edípica à mãe, nos alerta Freud na sua famosa conferência XXXIII, Feminilidade (Freud, 1933 p. 148).

O sedutor é regularmente a mãe, ela inevitavelmente estimulou e até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina, lugar antes ocupado pelo adulto, como uma das causas mais comuns da histeria.

Diz ele: “ as exigências de amor de uma criança são ilimitadas; exigem exclusividade e não toleram partilha” (idem, p. 152).

A agressividade está sempre presente ao lado de um amor tão intenso e este término se dá no complexo de castração, que para a menina a leva ou à inibição sexual (neurose), ou complexo de masculinidade ou à feminilidade normal que seria o desejo de pênis, *‘par excellence’*, um desejo feminino (idem, p.155).

E ...com quanta freqüência sucede que apenas o filho obtém aquilo a que o homem aspirava” (idem, p. 164).

Se, por um lado, para Freud a feminilidade se atinge na maternidade, por outro nos mostra o quanto avançou e como podemos andar ainda mais para pensar o sujeito no seu trajeto claudicante para ‘ser’ e como podemos nos posicionar quando diante deste enigmático desejo da mulher, que não se encerra aí. O que quer uma mulher?

É impossível, desde as descobertas freudiana, apelar para o instinto para explicar esse dado fundamental da experiência que é a reprodução dos corpos.

Podemos lembrar de Madame Bovary, que havia começado a ser publicado no ano de 1856, ano do nascimento de Freud, seu realismo causou escândalo, uma mulher do séc. XIX, que já experimentava do mal entendido entre o homem e a mulher no que se refere ao gozo e ao desejo, este uma vez atizado nunca sossegado, e numa posição que de saída põe a mulher em primeiro plano, onde a maternidade está separada e é endereçada a ama de leite.

O casamento de Emma foi, uma decepção, e ela se valeu da fantasia e de algumas “passagens ao ato” delirantes para realizar seus desejos. Delirantes não porque seus dois amantes não tivessem correspondido a seu ímpeto erótico, mas por estarem eles, completamente alheios ao projeto exuberante dela: mudar a vida. A ascensão social apenas seria possível a uma mulher de seu tempo através do casamento – e ela faz o casamento errado. Além disso, parece ignorar que, para uma mulher, mesmo num casamento vantajoso não lhe ofereceria mais do que uma vida mais confortável como

esposa e dona de casa, insuficiente para dar conta de sua sensualidade e fantasia exuberantes. (Kehl, 1998, p. 134-135)

Segundo Kehl, Flaubert confessa à Louise Colet, “se meu livro for bom, ele despertará docemente muita ferida feminina. Mais de uma sorrirá ao se reconhecer”.

Muito interessante avistar esta mulher do desejo insatisfeito neste momento. Mesmo que tenha fracassado na tentativa de dirigir seu próprio destino, nesse sentido este feminino não se sustenta e ela cai no lugar de objeto dos homens que a usaram mais do que ela conseguiu manejá-los. Há uma tentativa de construção da mulher, que não avançava sem a construção freudiana da sexualidade que trouxe novamente a mulher para a família e para a maternidade.

A família, no sentido freudiano põe em cena homens, mulheres e crianças que agem inconscientemente como heróis trágicos e criminosos. Nascidos condenados, eles se desejam, se dilaceram ou se matam, e não descobrem a redenção senão ao preço de sublimar suas pulsões. A descoberta desta fase anterior da menina pré edipiana provoca muita surpresa, quanto a diferença sexual, é reportada a uma oposição entre um logos separador e uma arcaicidade exuberante. Dai a celebre formula; “o destino é a anatomia”, como descreve Rudinesco (2003, p 129 -131), anatomia como ponto de partida de uma nova articulação da diferença sexual que condena todos os homens e mulheres a se confrontarem com uma idealização ou uma desvalorização do outro, sem nunca avançar a completude real.

“Criador da mulher histórica e da libido única, grande liberador do sexo, suspeito constante de querer aviltar crianças, esposas, mães e mocas, desconfiava Freud de que seu belo pleito em favor da família conjugal e do amor materno corria o risco de um dia contradizer a realidade futura da condição feminina?” (idem, p. 134).

Esta condição feminina ressurgue nas discussões contemporâneas, Badinter (2011), por exemplo, vai desconstruir esta história da mãe perfeita, retomando o caldo cultural do sec. XXI a idéia de que uma mãe uma vez mãe, deve-se entrar num padrão único, ...pessoas que torcem o nariz para cesariana e até para fralda descartável , para eles as mães nunca devem estar indispostas para suprir as necessidades de sua prole. Essa pressão só causa frustração e culpa nas mulheres. Esta autora, vai situar a mulher no contexto histórico, social desnaturalizando a maternidade para a mulher. O mito do amor materno é aquele que sobrecarrega a mãe, a criança e porque não o pai.

Ela diz:

“Ironia da historia: É no momento em que as mulheres do Ocidente conseguem finalmente se livrar do patriarcado que elas encontram um novo senhor na casa!” Nas palavras de Badinter, esta idéia do maternalismo como um mito fundado a partir da idéia do instinto materno, mas que não deixaria de ter por trás a velha dominação masculina (p. 121).

Um filho, tem um lugar, e ele é sempre mais ou menos do que imaginavam os pais.

Sabemos desta desproporção graças a influência psicanalítica. Qual a verdade do casal parental? Basta perguntarmos como se conheceram, para saber que sempre teremos historias diferentes quando investigamos isto, em algum ponto aparece onde o casal não se entende.

A idéia de que o filho viria a ajudar o pai a deixar a mulher ainda mais maternal traz de novo o feminino estreitamente associado a maternidade e encobre a desproporção do casal, ou das relações.

A modernidade traz entraves para esta equação.

Qual a boa medida da relação mãe-mulher? O que esta relação produz de inibição, sintoma e angustia?

Lacan inverte a fórmula freudiana da relação da maternidade com a feminilidade e diz que para ser mãe é preciso ser mulher.

Ele chamou atenção para o desejo dela, ali onde havia surgido a mãe do amor, ele invocou ...a mulher. Primeiro como a mulher do pai, além do Édipo, onde chegou a mulher barrada, outra, não toda ocupada com o homem ou filho dessa vez.

Seguindo o caminho do “mestre” como ouvi-la? Para voltarmos a clínica, faz uma diferença interessante entre a mãe de que se fala e a mãe que fala.

Essa que ouvimos no consultório, fala da sua divisão.

Ela me diz que tem sonhado muito, com a traição, o que a deixa muito angustiada: No primeiro sonho, “ ela entra na cozinha e vê seu marido de cueca sendo examinado na barriga pela empregada...”

No segundo sonho: “Seu marido está passando pela sala e a empregada está ali, fazendo sua função, varrendo a sala, quando ele passa por trás dela e arranca-lhe o elástico de cabelo, deixando-a mais sensual...”

Depois de algumas associações, e voltas se dá conta da ‘história do cabelo’, como algo dela e do filho, é ele (seu filho) que não gosta que ela prenda o cabelo, porque ele precisa ficar mexendo nele para pegar no sono, fica muito surpresa com isso!

Como esta relação pode ser tão erótica? Trata-se da mulher? Da mãe? Significantes giram...numa análise.